

## A PRESENÇA DE ROSALIA NAS LETRAS PORTUGUESAS (De 1910 a 1930)

ANTÓNIO RODRIGUES BAPTISTA

Universidade de Lisboa

Numa página sugestiva do “Diário de Notícias” de Lisboa, publicada em 30 de Junho último, o professor Orlando Ribeiro concluía do seguinte modo um artigo sob a epígrafe *Rosalía de Castro, símbolo da cultura galega*: “Rosalía de Castro aparece-nos assim sem antecedentes nem continuadores, como aquilo que verdadeiramente o destino e o génio fizeram dela: uma das mais puras e elevadas vozes poéticas de todos os tempos”. Um pouco atrás, o mesmo universitário de Lisboa havia escrito: “Rosalía também nenhuma influência teve na poesia portuguesa”.

Poderemos talvez partir daqui para afirmar que um estudo completo sobre o grau de influência que a poetisa galega deverá ter tido nas letras portuguesas durante os últimos cem anos, está ainda por fazer. Embora sem grandes novidades, este meu pequeno trabalho tem como objectivo principal apontar algumas incidências ou mesmo indicar até que ponto alguns escritores e homens de letras do meu país foram sensíveis ou fascinados pela figura e pela obra singular de Rosalía de Castro.

Ao mesmo tempo que desejo prestar as minhas homenagens à Galiza e ao seu mais alto representante literário, quereria associar também a minha voz à de tantos compatriotas meus —escritores e homens de letras— que, de alguma forma, souberam ouvir ou entender a mensagem da “Cotovio do Sar”.

Falemos, portanto, da presença de Rosalía nas letras portuguesas entre 1910 —ano da implantação da República em Portugal— e 1930 —altura em que o bissemanário *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, pôs termo a uma colaboração constante de escritores galegos e portugueses que assiduamente, durante dez anos, colaboraram nas suas páginas acerca de temas e problemas comuns às duas margens do Minho (1).

Estamos, pois, em 1911. Dos prelos portugueses acaba de sair um estudo volumoso intitulado “*Literaturas Mortas (Breves estudos sobre as literaturas galega, euskara, italiana e catalã)*”. O seu autor é um professor da cidade do Porto, José Cervaens y Rodriguez, descendente de galegos. A obra está dedicada a dois futuros presidentes da República portuguesa —os doutores Manuel d’Arriaga e Bernardino Machado—.

No que toca à literatura galega, Cervaens y Rodriguez mostra-se um defensor entusiasta do “ressurgimento” do século XIX, consagrando diversas páginas, em duas ocasiões, à figura e à obra de Rosalía de Castro, a quem apelida de “Rola de Galicia”,

---

(1) O período anterior, referente ao séc. XIX, até 1910, foi estudado e apresentado ao Congresso pela Pr<sup>ta</sup>. Pilar Vázquez Cuesta.

e afirma que a “excelsa Rosalía”, mais do que ninguém, soube sentir generosamente as dores e amarguras do povo galego. Para além da referida obra (que contou uma 2ª edição em 1921), e de vários estudos sobre a cultura peninsular, o Prof. Cervaens y Rodriguez haveria de anunciar ainda a publicação de um livro sobre Rosalía de Castro (2), tendo sido, além disso, o principal orador na célebre jornada literária levada a cabo em Viana do Castelo, em honra de Rosalía, no dia 15 de Julho de 1923, da qual falaremos adiante.

Com data de 1913, surge-nos agora um pequeno mas cuidadoso estudo acerca da ‘*Saudade*’ em *Português e Galego*, escrito por Cláudio Basto, também de Viana do Castelo (3), e publicado primeiramente no volume XVII da *Revista Lusitana*, em 1914, e depois em separata no ano seguinte. Trata-se, na verdade, de um belo ensaio de sete páginas sobre as diferentes formas de *saudade*. E sobre o tema, escreve o Dr. Cláudio Basto que “em galego não há só a forma *soedade*. Há várias que representam os falares do povo; não sendo o idioma fixado literariamente, os escritores usam as formas que do povo colhem”. Seguidamente, aponta Cláudio Basto vários exemplos de formas recolhidas principalmente no livro *Follas Novas* de Rosalía, tais como “soidade”, “soidá”, “soedade”, “soledad”, “soledade”, “soledá”, dizendo ainda, em nota final, que este seu artigo é anterior ao trabalho que D. Carolina Michaëlis acabava de publicar sobre *A Saudade Portuguesa*, com data de 1914.

Com efeito, e sobre o tema que nos concerne, refere-se D. Carolina no seu precioso ensaio, à “ilustre poetisa galega D. Rosalía de Castro e Murguía” e aos seus “deliciosos *Cantares Gallegos*” onde encontrara escrita a forma “suidades” (4).

Pela ordem que estamos a adoptar, chegamos agora a Teixeira de Pascoaes e ao modo como ele encarou a Galiza, e, nela, Rosalía de Castro.

Digamos, antes de mais, que Teixeira de Pascoaes nunca ou quase nunca tratou da Galiza como uma entidade distinta de Portugal. Ele o afirma mesmo, expressamente, na célebre conferência da “Renascença Portuguesa” realizada no Porto, em Maio de 1912, sobre “O Espírito Lusitano ou o Saudosismo”. Aqui, para Teixeira de Pascoaes “a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela” (5). Todavia,

---

(2) Obras de escritores portugueses sobre Rosalía de Castro, foram anunciadas em diversas ocasiões, nunca chegando algum deles, que saibamos, a culminar os seus intentos. O último trabalho prometido acerca de tal desiderato foi feito precisamente pelo Prof. Orlando Ribeiro no *Diário de Notícias* de 30 de Junho último.

(3) O Prof. Cláudio Basto, que veio a ser um dos principais fundadores do Instituto Histórico do Minho, em 1916, viria a ser pouco depois, um dos dissidentes do mesmo, tendo entrado em polémica, mais tarde, com o secretário-perpétuo do Instituto, Júlio de Lemos. Ver a este propósito, por exemplo, a “revista de estudos” *Lusa*, de Viana do Castelo, dirigida por Cláudio Basto, número de Abril-Dezembro de 1920, p. 50; e também *A Aurora do Lima*, de 21-9-1928, com um longo artigo de Júlio de Lemos, intitulado “Eu e o Cláudio”, além de outros escritos sobre a mesma polémica.

(4) Além da forma “suidades”, Rosalía emprega a forma *sau dades*, pelo menos 2 vezes, nos poemas dedicados, respectivamente, a D. Emilio Alvarez e Castro e a Roberto Robert.

(5) Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*. Porto, 1912, p. 13.

Pascoaes não deixa de afirmar, vinte anos mais tarde, em *O Penitente (Camilo Castelo Branco)*, que “A Espanha é um deserto com dois oásis: a Galiza e a Catalunha” (6).

Tendo escrito imenso em verso e em prosa, não existem na pena de Pascoaes largas referências à Galiza e aos seus escritores em geral. E até me parece ter sido já na idade adulta que o poeta de Amarante se refere em concreto a Rosalía de Castro. E até parece mesmo que a encontra através da cultura catalã ou quando se encontra já desiludido com o movimento saudosista. Podemos observá-lo, se quisermos, nessa belíssima e obra rara intitulada *Os Poetas Lusíadas*, dedicada justamente “A memória de Rosalía de Castro e Joan Maragall”, e que veio a ser fruto de uma série de conferências realizadas em Junho de 1918, no Instituto de Estudos Catalães de Barcelona, sendo publicadas em volume, no Porto, no ano seguinte (1919). Encontramos nesta obra de Pascoaes duas referências explícitas a Rosalía de Castro, além da dedicatória. A primeira, com grande interesse, é logo no próprio “Prefácio” quando Pascoaes descreve a sua partida para a Catalunha, em 1918. Vale a pena recordar esse passo:

“Parti num belo dia de Junho. Percorri o vale do Douro, aberto em fraga calcinada (...) Depois, é a Hespanha, árida e deserta, de imensos e indefinidos horizontes circulares:

Deserto e sempre deserto,  
Llanura e sempre llanura...

como cantou Rosalía de Castro, essa glória eterna da Galiza, puríssima estrela da divina constelação: Rosalía, Galán e Maragall”.

Quase no final deste maravilhoso ensaio sobre *Os Poetas Lusíadas*, refere-se ainda Teixeira de Pascoaes à poetisa galega nos seguintes termos:

“O Portugal de Camões, a Galiza de Rosalía, a Catalunha de Maragall, são os Reinos da Saudade, como a fidalga Castela é o Reino de D. Quixote”.

Nesta época, Teixeira de Pascoaes está voltado a sério tanto para a Galiza como para a sua Musa encantada. E vamos vê-lo precisamente na “Dedicatória” da 2ª edição de *Marános*, saída em 1920 (7), a obra em verso que é, segundo a crítica, a mais representativa do pensamento pascoaesiano. Para fazermos um breve comentário, poderíamos ler essa “Dedicatória”, juntamente com a “Oferta” da 3ª edição (1930), observando também o poema que Pascoaes dedica “À Galiza” publicado na revista *Nós*, em Julho de 1923. Vejamos, primeiramente, a “Dedicatória” de 1920:

Galiza, terra irmã de Portugal,  
Que o mesmo Oceano abraça longamente;  
Berço de brandas névoas refulgindo  
O espírito do sol amanhecendo;  
Altar de Rosalía e de Pondal  
Iluminado a lágrimas acesas,

(6) Teixeira de Pascoaes, *O Penitente (Camilo Castelo Branco)*. Porto, 1942, p. 23.

(7) A 1ª edição, de 1911, não contém qualquer dedicatória.

Entre pinhais, aos zéfiros, carpindo  
 Mágoas da terra e místicas tristezas;  
 A ti dedico o livro que uma vez,  
 Embriagado de sombra e solidão,  
 Compus sobre os fraguados do Marão:  
 Este livro saudoso e montanhês. (8)

Observemos agora a “Oferta” de *Marános*, inserta no 4<sup>o</sup> volume das “Obras Completas” de Pascoaes, sem data, mas que presumimos seja de 1930:

Galiza, terra irmã de Portugal,  
 Que a divina Saudade transfigura,  
 A tua alma é rosa matinal,  
 Onde uma lágrima de Deus fulgura.  
 Terra da nossa infância virginal,  
 Altar de Rosalia e da Ternura,  
 Dedico-te estes versos, que, uma vez,  
 Compus em alto cerro montanhês.

Notemos, finalmente, o poema dedicado “À Galiza”, publicado no número 18 da revista *Nós*, com data de 1 de Julho de 1923:

#### À GALIZA

Ó Santa Rosalia da Saudade,  
 Do Infinito e do Bêrço em que nasceste,  
 Cantora da perfeita suavidade  
 Da inefável ternura que é celeste;  
 Intérprete da nova Divindade  
 Que tu, Galiza Mater, concebeste,  
 Teu cântico imortal e redentor  
 É nossa eterna glória e nosso amor!

Através da leitura dos três poemas, podemos notar sem esforço que, tanto na “Dedicatória” como na “Oferta”, há um motivo condutor comum à Galiza e a Portugal, expresso no 1<sup>o</sup> verso: “Galiza, terra irmã de Portugal”. Depois, na “Dedicatória”, composta por 12 versos, podemos ver facilmente uma face diurna e uma face nocturna, desaparecendo esta na “Oferta” de 1930, em que permanece apenas a face diurna nos 8 versos simbólicos por que é constituída a “Oferta”. Nesta, o seu autor chega mesmo a confrontar-se com o Infinito e com a Divindade, através de expressões como “divina Saudade” e “lágrima de Deus” (9).

(8) Ao referirmos a “Dedicatória” da 2<sup>a</sup> edição de *Marános* de Teixeira de Pascoaes, vale a pena lembrarmos o soneto “Galicia”, de José Leite de Vasconcelos, publicado em 1902 e transcrito em *Literaturas Mortas*, de Cervaens y Rodriguez, p. 60. Teixeira de Pascoaes terá tido, decerto, conhecimento do poema de Leite de Vasconcelos, pois as duas composições apresentam o mesmo motivo condutor.

(9) Expressões similares são frequentes nas poesias de Frei Agostinho da Cruz que Pascoaes cita amiudadas vezes em *Os Poetas Lusíadas*, principalmente, manifestando pelo poeta da Arrábida uma profunda admiração.

Rosalía torna-se assim, para Pascoaes, o símbolo da “Ternura”, ou seja, do Cordeiro místico (já que Pondal, que desaparece na “Oferta”, mais parecia simbolizar a agressividade...). Por outra lado, podemos observar que Teixeira de Pascoaes manifesta, na transição da “Dedicatória” para a “Oferta”, todo um percurso místico de regresso às origens, traduzido na expressão “Do Infinito e do Bêrço” em que nasce a “Santa Rosalía da Saudade” –segundo o poema da revista *Nós*. (Em apêndice, podemos ver ainda, baseado nos mesmos moldes, o bellissimo poema “A Rosalía de Castro” publicado nos “7 Ensayos sobre Rosalía”, Vigo, 1952).

Aqui temos, portanto, as referências principais que o poeta de *Marânos* consagra na sua vasta obra à Musa da Galiza. Contudo, é também ele, o Dr. Teixeira de Pascoaes que, agora, na qualidade de sócio efectivo do Instituto Histórico do Minho, com sede em Viana do Castelo (10), vai alimentar aí, precisamente na década de 20, associado a um punhado de intelectuais portugueses e galegos, a devoção especial pela Galiza, e, nela, por Rosalía de Castro. Para o vermos como convém, bastará folhearmos e lermos essas duas dezenas de números especiais, dedicados à Galiza pelo bissemanário *A Aurora do Lima* (11). Neste jornal encontramos não só essas páginas especiais, publicadas em Julho e em Janeiro de cada ano, mas também, semanalmente, inúmeras notícias, artigos e poemas sem conto (12), muitos deles escritos em galego e saídos das penas mais brilhantes dos intelectuais galegos do tempo. Apontemos como exemplo esse bellissimo número d’*A Aurora do Lima*, de 13 de Julho de 1923, dedicado inteiramente a Rosalía, que precedeu e de algum modo preparou a célebre “Velada Literária” de 15 de Julho seguinte, de homenagem à poetisa galega. Nunca portugueses e galegos tão forte deram as mãos! Aí estiveram presentes, nessa jornada memorável, como podemos ver nos periódicos do tempo (v.g. no *Jornal de Noticias* do Porto), os mais altos representantes do Minho. Se quiséssemos –e para abreviar e não fatigar a vossa atenção– poderíamos ler a “Nota Oficiosa” que o Instituto Histórico mandou distribuir e foi publicada nessa edição de *A Aurora do Lima*, de 13 de Julho de 1923. Ela nos dá de alguma maneira a medida exacta de tão grandioso acontecimento. Diz o seguinte:

### VELADA LITERÁRIA

(Nota Oficiosa)

Promovida pelo Instituto Histórico do Minho, realiza-se no próximo Domingo, às 15 horas, uma festa no Salão nobre da Congregação da Caridade, em honra da genial Poetisa galega Rosalía de Castro, com assistência dos Ex.mos Ministros

---

(10) O Instituto Histórico do Minho foi criado em Viana do Castelo em 1916, tendo suspenso as suas actividades em 1939.

(11) O antigo periódico de Viana, *A Aurora do Lima*, conheceu diversas fases no decurso da sua publicação, tendo o período de 1920 a 1930 sido um dos mais fecundos da sua existência, na altura em que o importante bissemanário dirigido por Bernardo Silva, era, por assim dizer, o órgão officioso do Instituto Histórico do Minho.

(12) Os poetas galegos cujas composições são mais frequentes nas páginas de *A Aurora do Lima* são: Noriega Varela, Alvaro de las Casas e Iglesia Alvarinho.

dos Estrangeiros e da Instrução de Portugal e do representante do Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Instrução de Espanha.

Serão presentes os representantes de Sua Ex.<sup>a</sup>, o Presidente da República e de diversas corporações científicas e literárias de Portugal e Espanha e bem assim vários intelectuais dos dois países, entre os quais os srs. D. António Noriega Varela, com sua filha D. Cândida Belo, Dr. Alvaro María de las Casas, P.<sup>e</sup>. Samuel Eiján, D. Jaime Solá, com suas filhas, Dr. Teixeira de Pascoaes, D. Maria da Glória Teixeira e Vasconcelos, o poeta argentino Francisco Luís Bernárdez e outros.

É possível que compareça Sua Ex.<sup>a</sup>, o Chefe do Governo. Fará uma conferência sobre Rosalía o ilustre escritor sr. Prof. Cervaens e Rodrigues e discursarão os srs. Noriega e sua filha, recitando s. ex.as e o snr. dr. Las Casas versos próprios e da gloriosa autora dos "Cantares Gallegos".

A entrada é por convites; e só depois de asseguradas as cadeiras dos convidados, será dado lugar ao público.

No claustro tocará a magnífica banda de Infantaria n.<sup>o</sup> 3 obsequiosamente cedida pelo sr. Comandante Militar.

A polícia da sala será feita pela G. N. R.

Sobre o sucesso desta festa literária de homenagem à "grande cantora da Galiza" podemos ver, portanto, os relatos dos diários do tempo, como o "Jornal de Notícias" (13) do Porto ou "A Aurora do Lima" (14) de Viana. (E até José de Brito chegou a pintar um retrato de Rosalía expressamente para a solenidade desse dia). E o entusiasmo foi tal sobretudo entre os associados da Galiza (e não esqueçamos que dos 94 membros do Instituto Histórico do Minho, 36 eram membros correspondentes galegos!) (15), o entusiasmo foi tal, dizia eu, em redor dos valores galego-portugueses e principalmente de Rosalía de Castro, que, nesse mesmo Verão de 1923, encontramos nas páginas de *A Aurora do Lima* diversos poemas em galego e em castelhaño, consagrados a Rosalía e aos valores próprios de ambas as margens do Minho. Para ilustrar vamos ainda ler dois sonetos de homenagem a Rosalía, já que um 3.<sup>o</sup> poema mais longo, em galego, do Padre Samuel Eiján, ficará para as Actas do Congresso.

Vejamos, antes de mais, o 1.<sup>o</sup> soneto em castellano da autoria de Francisco Luís Bernárdez. Reza assim:

(13) É de notar o título seguinte, na reportagem inserta na 1.<sup>a</sup> página do diário do Porto, *Jornal de Notícias*, de 17-7-1923: "Confraternização Luzo-Galaica. A festa literária de Viana. Foi encantadora —muitos versos, muitas senhoras e muitas flores". Mas o mesmo diário já anunciava dois dias antes: "Em Viana. Uma Festa Literária. Rosalía de Castro, a grande cantora da Galiza, tem hoje a sua consagração". Nesta significativa "Homenagem a Rosalía" foram os funerais do poeta Guerra Junqueiro que impediram a presença pessoal do Presidente da República e do Primeiro Ministro de Portugal, tendo sido aí representados pelo Governador Civil de Viana.

(14) *A Aurora do Lima*, 27-7-1923.

(15) Ver *A Aurora do Lima* de 5-7-1927 e 12-6-1928, que trata da fundação do Instituto Histórico do Minho e dos seus associados, portugueses e galegos, com indicação dos respectivos nomes.

**ORACION A ROSALIA**

Abuela Rosalía que estás en las estrellas  
 abuela Rosalía, intercede ante Dios  
 por los nefelibatas que sembramos de bellas  
 locuras el glebario de la vida, por nos...

Abuela Rosalía que estás en los luceros:  
 ruega por los saudosos, por los tristes, por los  
 Quijotes —denigrados de Sanchos y barberos—;  
 por nosotros, abuela Rosalía, por nos...

Ruega por los que sólo supimos de amarguras.  
 Ruega por los que dimos nuestra hogaza de amor,  
 para roer, llorando, nuestro pan de dolor,

hasta que el día llegue en que, juntos, también  
 —abuela Rosalía que estás en las alturas—  
 seamos en el seno de nuestro Dios. Amén.

(*A Aurora do Lima*, 19-9-1923)

Vejamos agora também um soneto em galego, de Ramón Fernández Mato, oferecido pelo autor ao Instituto Histórico do Minho, e lido (como aliás o de Bernárdez), na sessão do Instituto de 29 de Agosto de 1923. Diz o seguinte:

**BRINDIS**

Eu ergo a miña copa de Porto ou de Madeira  
 pol-o grande Portugal cacheador do mar;  
 pol-a morna saudade que lembra ô suspirar  
 nas harpas consagradas do máxico Teixeira.

O Miño, azul e maino, de ribeira a ribeira,  
 vai cosendo có fio do novêlo de luar,  
 como se Dios quixera brandamente axuntar  
 os rachados anacos d'unha vella bandeira.

Por Portugal, a terra dos ávidos pilotos,  
 por Portugal, o berce das longas descobertas,  
 espallo un longo feixo de loureiros miñotos.

Por Portugal, o niño de amor e fidalguía,  
 por Portugal que quixo nas suas mans abertas  
 arrolar o recordo da nosa Rosalía.

(*A Aurora do Lima*, 12-10-1923)

Por aqui, vemos, meus Senhores, à saciedade, e seria abusar da vossa paciência continuar a alongar-me com a apresentação de outros exemplos... que não me faltariam!, quanto os portugueses e os galegos andaram irmanados no seio do célebre Instituto Histórico do Minho, glorificando a Galiza e a sua estrela de primeira grandeza —Rosalía de Castro— nessa década de 1920-1930. Aí encontramos constante-

mente a presença de Teixeira de Pascoaes, Noriega Varela, Manuel Murguía, Júlio de Lemos, Alvaro de las Casas, Cervaens y Rodriguez, João Verde, Rodríguez Elías, Gonçalves Viana, Samuel Eixán, Martelo Paumán, Alves Júnior, Francisca Herrera y Garrido, Iglesia Alvariño, e tantos outros (16) escritores galegos e portugueses do tempo, que, de mãos dadas, deixaram marca —verdadeira marca!— nos anais do famoso Instituto de Viana, e vieram a ser até a semente que haveria de frutificar ou chamar a atenção de muitos estudiosos para as realidades galegas, vendo nós sair desse seminário do Lima (ou da ressonância a que deu lugar) muitas obras de vulto consagradas expressamente à Galiza, como foram, por exemplo, os quatro volumes do escritor e jornalista do Porto, Hugo Rocha (17), a que poderíamos juntar, se quiséssemos, muitas das páginas de Antero de Figueiredo ou de Júlio Dantas, nas suas “Viagens em Espanha”, com vários capítulos dedicados à Galiza, sendo um deles (“O Túmulo de Rosalía”) consagrado exclusivamente à “Cantora do Sar”.

E deixemos, enfim, de tratar hoje *ex professo* de tantos outros trabalhos sobre a obra e a vida de Rosalía que haveriam, entretanto, de sair, nas décadas seguintes, da pesquisa aturada de investigadores portugueses, como foram os dos professores Rodrigues Lapa, Jacinto do Prado Coelho (18), Alberto Machado da Rosa (19) ou Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (20), dentre muitos estudiosos e homens de letras do meu país, que constantemente têm estado voltados para o norte de Portugal e vêem na Galiza a própria Terra-Mãe, e em Rosalía de Castro, essa “Galiza feita canto, feita saudade”, como bem expressou o Padre João Maia. Mas tudo isto já ultrapassa muito os limites que me propus tratar aqui hoje, com o tempo que me foi distribuído.

---

(16) A presença de tão importante contingente de escritores galegos em Viana do Castelo na década de 20, poderá ser explicada, em parte, pela ditadura de Primo de Rivera, que, em Espanha, lhes não deixava os movimentos inteiramente livres.

(17) Hugo Rocha foi, sem dúvida, o escritor português que mais livros escreveu sobre a Galiza. Dele conhecemos pelo menos os seguintes: *Itinerário na Galiza* (1946), *Encontros com a Galiza* (2 volumes, 1958 e 1963) e *Sete Vozes Perenes na Galiza Lírica* (1965).

(18) Os principais trabalhos do Prof. Jacinto do Prado Coelho sobre Rosalía de Castro foram publicados em 1952 e 1956, em *7 Ensayos sobre Rosalía*, e na revista *Graal*, respectivamente. Os dois textos “levemente modificados” foram reeditados em 1976 sob a epígrafe “As duas faces de Rosalía” na obra *Ao Contrário de Penélope*, do mesmo professor, recentemente falecido, que pela cultura galega sempre manifestou um vivo interesse.

(19) A leitura e interpretação da obra de Rosalía feita pelo Prof. Alberto Machado da Rosa no ensaio *Rosalía de Castro, poeta incompreendido* (*Revista Hispánica Moderna*, Año XX, Julio 1954, nº 3), causou uma certa polémica nunca suficientemente apaziguada. Hoje a interpretação do entusiasta professor da Universidade de Wisconsin, encontra-se algo ultrapassada à luz dos novos caminhos da crítica, tendo os professores Carballo Calero e Claude-Henri Poullain, dentre outros, apontado a fragilidade de tais interpretações.

(20) O belíssimo ensaio de antropologia cultural que o Prof. Santos Júnior, da Universidade do Porto e membro da Real Academia Galega, publicou em 1969, sob o título *Os “Cantares” de Rosalía de Castro e o povo galego*, é um bom exemplo de como a obra da Cantora do Sar (e de outros escritores galegos) oferece aos estudiosos elementos preciosos de comparação entre as duas culturas irmãs do noroeste peninsular. Um bom exemplo, repetimos, para imitar!

Oxalá, meus Senhores, que saíamos todos deste Congresso —em boa hora realizado— mais enamorados e mais animados para continuarmos este trabalho conjunto, através de uma colaboração cada vez mais efectiva entre a Galiza e Portugal, como foi exemplo esse forte intercâmbio levado a cabo nos anos 20, principalmente pelo Instituto Histórico do Minho, sobre os valores galego-portugueses e sob a égide de Rosalía!

## APÊNDICE

### Anexo I

#### A ROSALIA DE CASTRO

Divina Rosalía. ¡Ó santa protectora  
da terra da Galiza, a nossa terra Mãe!  
Onde derrama um oiro triste a luz da aurora,  
onde a névoa do mar descorre e encobre o Além,  
onde há almas de Deus, no mundo prisioneiras,  
onde há rezas e sol, à noite, nas lareiras...

Divina. Ó virgem da tristeza!  
Coração de mulher que abrange a Natureza  
e num canto imortal a converteu.  
Coração de mulher aberto à luz do céu  
co'as lágrimas sem fim dos desgraçados  
saturna multidão de pobres emigrados...

Divina Rosalía.  
Senhora da Saudade e da Melancolia...  
Alma de Deus despida, exposta à chuva e ao vento  
Alma, só alma, num deslumbramento  
Alma, só alma, a errar na solidão  
Alma, só alma, eterna aparição.

Aparição da dor, aparição do amor.  
Alma, só alma, apenas alma em flor.

(Teixeira de Pascoaes, in *7 Ensayos sobre Rosalía*, Vigo, 1952, p. 15)

## Anexo II

## A GALICIA

*no homenaxe a Rosalía*

¡Galicia, terra meiga  
 da meiga Rosalía!...  
 a de montes que, erguéndose, o espazo escudruman,  
 a de vales que un ceo n-o abismo fabrican...  
 ¡Galicia, frol de gloria,  
 vivente imán de ditas!...  
 a de regos de prata que ôs rios se entrénzan,  
 a de arbredas xigantes de festa vestidas...  
 ¡Galicia, amor d'amores!  
 ¡Galicia, sol de vida!  
 ¡Galicia. Nai e Reina!  
 ¡ ¡ ¡Galicia miña!!!...

Cantar eu ben que quixera  
 cal cantóuche tua cantora preferida,  
 un dos cantos seus tan mainos  
 que à alta gloria repinican;  
 ledos cantos misturados  
 de cheirumes, e de pelras, e de cœurs, e de brisas;  
 algo tenro, c'a tenrura da *Ruliña* nosa amada,  
 algo soave, con latéxos dos que ferven na sua lira,  
 algo, en fin, que anque non fora  
 lampo de ouro relocente de seráficas cantigas,  
 a él'en todo somellárase,  
 co'ma él fora mel e risas  
 barbullándo da fontana onde seu xénio  
 bebeu néctar de ideales que folguéxan luz de dita.  
 Sí cantárche eu ben quixera  
 cal cantóuche Rosalía:  
 mais ¿quezáis seus ecos máxicos  
 n'esta miña gorxa aniñan?  
 ¿Quezáis é das que romedan suas dozuras  
 a qu'eu pulso, probe lira?

Mal cantar podo meu canto  
 de maneira que de tí poida ser dina,  
 hórto sendo meu inxénio  
 de expresiós e somellanzas acordantes c'o esas internas  
 emociós que n'ela esperta coxegueantes  
 tua vista.  
 Pra quen ten, cal ti, as orellas ás canciós de amor afeitadas  
 dos paxáros que en lexión de namorados te visitan,

y-os espázos en que envólveste  
 bordando andan de armunias;  
 non, non pode ser xeitosa  
 a esmirriada, chormiqueira canción miña.  
 Sólo sei dos sabugueiros romedá-las notas lúgubres,  
 sei, no máis, cal fonte feble, layar mainas netorrias.  
 ¡Quén decir soubera un canto  
 que dos seus refréxo fora, todo luz cásque divina,  
 con cadencias brincadeiras  
 das que afágan, rinse e miman!  
 Ben que asi cantar cantára,  
 romedando a Rosalía,  
 teus recordos d'un pasado meigalleiro...  
 cando, reina d'esta terra que o infortunio esconescía,  
 tua sede, Compostela, hastr'a Roma disputaba  
 a influencia do teu nome po-las gentes que a ti viñan:  
 terra forte, validosa, onde a Cruña daba a Dracke  
 a leución elocuentísema  
 de defensa lexendaria  
 que os ladrós foscós dos mares fixo a figa;  
 onde o xénio de Xelmirez puña xénios,  
 onde foi Maese Pedro rei de artistas,  
 onde as musas creadoras frolexában en poetas  
 cal Rodriguez de Padrón e cal Macías.  
 ¡Ay! cantar, cantára estonces  
 a canción entre as cancións máis morosiña.  
 ¡Qué aas que dira ás tuas górias, pra que erguéranse  
 a altos cumes, cumes rexos de unha hestória nunca vista,  
 de crarores sempre espertos,  
 de inmortales, calmas ditas,  
 c'os seus Telmos e Rosendos cara a altura,  
 c'os Garcías e c'os Trabas antre louros de conquista,  
 c'os mosteiros validosos cencias e artes somentando,  
 c'a tua terra en paradíso convertida!  
  
 ¡Ouh, cantar, cantar!... Pra cantos,  
 os que a dôce Rosalía  
 tecer sabe c'as riquezas máis xeitosas  
 dos teus bosques e pinares, das tuas hortas e veiguiñas,  
 nos que hay cantos e paxâros,  
 nos que hay mornas, tolas brisas,  
 nos que hay froles que arrescenden,  
 nos que hay regos fungadores que c'os árboles latrican,  
 ofrecéndolle suas notas de marmurios e rumores,  
 de perfumes, e coores, e armunías,  
 pra que a esencia sua máxica  
 o vivir do sentimento —qu'é seu poema— preste vida.

¿Como xúncras ela arréglase para enfiar as notas esas  
nas cancións dos seus amores, tan a xeito na súa lira,  
sin que mesmo nin estrófa hachárase poida  
que o craror d'ese poema, onde todo ferve e brinca,  
c'os seus lampos feiticeiros  
non encenda, adorne e vista?

Hay que ver —pra ver com'ela— o que vé dend'as alturas  
ese sol que te cortexa e que te mima...  
o que ven os ventos calmos, pelengrinos dos espazos,  
nas súas longas correrías...  
o que as olas, que indo vánse, c'as que chegan a estas prayas,  
dínse e contán en segredo... ven e dín con voz baixiña  
que non hay terra en España  
com'a terra de Galicia,  
nin hay montes com'o os montes de que é heraldo o Pico Sacro,  
nin hay portos coma Vigo, que ós millores dá cobiza,  
nin hay viñas com'as viñas do Ribeiro,  
nin hay márxes com'as márxes que Avia e Miño fertilizan.  
nin paisaxes cal amóstraos Pontevedra,  
e ten Lugo alá por Sárria, e ten Cruña nas Mariñas.  
Eso dín olas e ventos,  
Eso o sol vé cada día...  
¡y-ese é o poema que che tece, na súa rica tecedeira,  
a tua dóce a tua amante Rosalía.  
¿E podo eu, podo aspirar nin a imitála  
c'a tristeira miña lira?

Se algún pode, son —eu penso—  
os poetas da paleta e do cincel... eses artistas  
que no edén teu feiticeiro de modelos van á busca,  
e copiando teus primores seu renome inmortalizan.  
Eles cantam, cántanch'eles en moimentos  
que pr'os tempos que virán deixan escritas  
as estrofas de outro poema, que no “Pórtico da Groria”  
escomenza trunfador, e ringla a ringla  
froxando agasalleiro  
nas eirexas, nas ermitas,  
nos mosteiros e nos pazos,  
—pregoeiros da influencia tua artísteca—  
son pro mundo dos espíritos, o que o sol e pro dos corpos,  
y-o arco-íris nas tromentas, e no vran a fresca brisa.  
¡Gloria eterna ós que así cantan!  
¡Louro eterno a eses artistas!  
Mais súas obras ¡ay! non falan c'o falar tan falangueiro  
con que fala a inspiración en Rosalía.  
Non: por moito que se cante,

sólo Dios, o eterno artista,  
que te fixo tan mimosa  
c'a mel meiga da sua risa,  
cantar pode dinamente da sua obra feituqueira  
as locentes, folxidoras maravillas.  
Que eres ti —dempois dos ceos  
que pra El mesmo se fabrica—  
eres ti, na Espana enteira, ¡dóce terra venturosa!  
¡ideal Galicia mina!  
o que a luz e pro paisaxe  
y o que ás plantas son as froles, y-o que a voz son as cantigas,  
¡o millor ante o millor que eiqui nós temos!  
¡algo que, aunque se comprende, non se esprica!...  
o romedo dos romedos  
d'a mansión paradisiaca

E vou eu, vou eu cantárche  
canción alta, canción tenra, que de tí poida ser dina?  
Vou trenzar no fio feble d'estas notas que dormezan,  
tuas grorias, teus feitizos, tuas artes, tua vida?  
Non, que non: non chego a tanto...  
¡Cala, cala, miña lira!  
Unha voz sólo hay na terra  
que mereza tanta dita,  
cal si n'ela Dios puxera mel dos ceos...  
¡Esa é a voz, a meiga voz de Rosalía!

PADRE SAMUEL EIJAN.

*Franciscano*

“A Aurora do Lima”, nº 53, 4-9-1923)

